



PROJETO DIÁLOGO COM O AUTOR: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA

DIALOGUE WITH THE AUTHOR PROJECT: A PROPOSAL FOR CONTINUING EDUCATION

PROYECTO DIÁLOGO CON EL AUTOR: UNA PROPUESTA DE FORMACIÓN CONTINUA

Andrecksa Viana Oliveira Sampaio

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, andrecksa.oliveira@uesb.edu.br

Luciana Amorim de Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, luciana.oliveira@uesb.edu.br

Vilomar Sandes Sampaio

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, vilomar@uesb.edu.br

Adriana de Mello Amorim Novais Silva

Secretaria de Educação do Estado da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, dica_novais@hotmail.com

Resumo: Esse artigo apresenta a importância da formação continuada, por meio das atividades desenvolvidas no Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG/CNPq)¹. Trata-se do projeto Diálogo com o Autor que teve como premissa a leitura e debate de ideias contidas nos textos teóricos, com a presença do próprio autor. Dentre esses diálogos, esse artigo destaca as participações e discussões realizadas pelos autores: Lana Cavalcanti, Rafael Straforini e Carina Copatti. Os textos selecionados pelos professores abordam as bases teórico metodológicas que orientam a atuação docente, as propostas metodológicas que podem tornar viável ao aluno pensar geograficamente, por meio da problematização, sistematização e síntese, o ensinar Geografia como uma prática espacial de significação discursiva e o pensamento pedagógico e geográfico. Os professores apresentaram, de forma didática e coerente, alguns tópicos para motivar o diálogo. Para esse artigo, foram selecionados alguns aspectos mais importantes das narrativas e a relação com os textos teóricos. As referências utilizadas para embasar teoricamente o artigo foram, essencialmente, os próprios textos sugeridos pelos professores. Essa atividade de formação continuada contribuiu, de forma significativa, para os participantes do GRUPEG, visto que mobilizou a reflexão da própria prática.

Palavras-chave: formação continuada, Geografia Escolar, pensamento pedagógico-geográfico.

¹ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/324787>



Abstract: This article presents the importance of continuing education, through the activities developed by the Research Group on Geography Teaching (GRUPEG/CNPq). This is the Dialogue with the Author project whose premise was the reading and debate of ideas contained in theoretical texts with the presence of the author himself. Among these dialogues, this article highlights the participation and discussions held by the authors: Lana Cavalcanti, Rafael Straforini and Carina Copatti. The texts selected by the teachers approach the theoretical and methodological bases that guide the teaching performance, the methodological proposals that can make it possible for the student to think geographically, through problematization, systematization and synthesis, teaching Geography as a spatial practice of discursive meaning and thinking pedagogical and geographic. The teachers presented, in a didactic and coherent way, some topics to motivate the dialogue. For this article, some of the most important aspects of the narratives and the relationship with theoretical texts were selected. The references used to theoretically support the article were essentially the texts suggested by the teachers. This continuing education activity contributed significantly to GRUPEG participants, as it mobilized reflection on their own practice.

Keywords: continuing education, School Geography, pedagogical-geographic thinking.

Resumen: Este artículo presenta la importancia de la educación continua, através de las actividades desarrolladas en el Grupo de Investigación en Enseñanza de la Geografía (GRUPEG/CNPq). Se trata del proyecto dialogando con el autor, cuya premisa fue la lectura y debate de ideas contenidas en textos teóricos con la presencia del propio autor. Entre esos diálogos, este artículo destaca las participaciones y encuentros sostenidos por los autores: Lana Cavalcanti, Rafael Straforini y Carina Copatti. Los textos seleccionados por los docentes abordan las bases teórico metodológicas que orientan la actuación docente, como propuestas metodológicas que posibiliten que el estudiante piense geográficamente, através de la problematización, sistematización y síntesis, enseñando la Geografía como práctica espacial de sentido discursivo y lo pensamiento pedagógico y geográfico. Los docentes presentaron, de manera didáctica y coherente, algunos temas para motivar el diálogo. Para este artículo se seleccionaron algunos de los aspectos más importantes de las narraciones y la relación con los textos teóricos. Las referencias utilizadas para sustentar teóricamente el artículo fueron esencialmente los textos indicados por los profesores. Esta actividad de formación continua contribuyó significativamente a los participantes de GRUPEG, ya que movilizó la reflexión sobre su propia práctica.

Palabras-clave: educación continua, Geografía Escolar, pensamiento pedagógico-geográfico.

Introdução

Esse artigo apresenta a importância da formação continuada, por meio das atividades desenvolvidas no Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG/CNPq). Trata-se do projeto Diálogo com o Autor que teve como premissa a leitura e debate de ideias contidas nos textos teóricos com a presença do próprio autor. Dentre esses diálogos, esse artigo destaca as participações e discussões realizadas pelos autores: Lana Cavalcanti, Rafael Straforini e Carina Copatti, tendo como referências teóricas os artigos selecionados pelos mesmos.

O Grupo de pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG/CNPq), cadastrado em 2018 no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tem repercussão no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e no Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/UESB), oferecendo um espaço de discussões e pesquisas sobre o ensino e aprendizagem em Geografia, narrativas autobiográficas de professores e professoras da Educação Básica e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O GRUPEG é composto atualmente por 28 membros efetivos, dentre esses, professores e estudantes da graduação e do Mestrado em Educação, professores de escolas das redes particular, municipal e estadual de alguns municípios da Bahia, além de Vitória da Conquista, tais como: Barra do Choça, Anagé, Macaúbas, Cordeiros, Caetité, Piripá, Encruzilhada, entre outros. Além desse total, circulam, pelas reuniões do grupo, estudantes, professores, convidados e simpatizantes do Ensino de Geografia.

O Grupo se resume em quatro linhas de pesquisa: 1) Formação docente, narrativas e práticas escolares, que desenvolve pesquisas sobre formação inicial e continuada, desenvolvimento profissional docente, saberes docentes e narrativas como procedimento metodológico; 2) Ensino e aprendizagem, cotidiano e formação docente, envolve pesquisas sobre as novas formas de se ensinar e aprender Geografia; 3) Saberes e Fazeres do Ensino e pesquisa de Geografia, estuda sobre a reinvenção do cotidiano escolar e a relevância do afeto no processo de ensino e aprendizagem; 4) A memória e o olhar geográfico na Educação Básica: trajetória de vida dos sujeitos da EJA e investiga o papel dos conhecimentos geográficos no processo de emancipação social dos sujeitos da EJA.

Dentre as atividades propostas para o Grupo, estão os estudos e discussões de textos, visitas e ações em escolas, rodas de conversa com professores de Vitória da Conquista e de outros municípios, além da participação de eventos com publicação de trabalhos e demais encontros para a socialização das pesquisas.

No final de 2019 e início de 2020, o mundo foi acometido pela pandemia Covid-19² que paralisou muitas atividades, além do fechamento de fronteiras entre países. Na educação não foi diferente: instituições de Educação Básica e Ensino Superior encerraram suas atividades presenciais, porém, com a responsabilidade de manter o ensino e a aprendizagem, algumas escolas iniciaram um período que se denominou Ensino Remoto Emergencial (ERE). Assim, o espaço virtual ganhou espaço em plataformas digitais e foi um tempo de muitos desafios, em função de que escolas, alunos e professores não estavam preparados para adentrar nesse mundo de tecnologia, como única saída para se garantir o não distanciamento do processo de ensino e aprendizagem. Foram reinventadas novas formas de ensinar e aprender, todos os envolvidos passaram a ser aprendizes desse novo processo, se ajudando mutuamente e dividindo saberes experienciais.

No GRUPEG, os trabalhos foram realizados de forma remota, houve uma adaptação a uma nova metodologia na realização das atividades. Planejamos, então, receber, pela plataforma *Google Meet*, professores e professoras que tinham retomado as atividades para que pudessem narrar a experiência sobre o Ensino Remoto Emergencial na Educação Básica: os desafios e possibilidades. A cada encontro quinzenal recebíamos dois professores de diferentes escolas, a princípio da rede particular (que haviam retornando primeiro) e depois da rede pública estadual e municipal. Além disso, realizamos as rodas de conversa sobre planejamento e situações de aprendizagem, cotidiano e afetividade, todas com o enfoque na realidade do contexto pandêmico.

Em 2021, infelizmente, a pandemia continuou e pensamos no projeto Diálogo com o autor que teve, como premissa, a leitura e debate de ideias contidas no texto teórico com a presença do próprio autor nas discussões. Passaram pelas reuniões do GRUPEG, professores doutores, de excelência no Ensino de Geografia, tais como: Sônia Menezes, Vanilton Camilo de Souza, Rafael Straforini, Carla Liane, Helena Callai, Carina Copatti, Vicente de Paulo Silva e Lana Cavalcanti. Para esse artigo, o critério da escolha dos três autores foi a afinidade de discussões sobre a temática selecionada: a relevância social da Geografia Escolar. Os demais autores, com certeza, serão contemplados em outras produções.

Antes de apresentar os caminhos metodológicos e as discussões provenientes do diálogo com os autores, cabe ressaltar que essas atividades do Grupo de Pesquisa reforçam a

² COVID-19 - *Corona Virus Disease* (em português, Doença do Coronavírus), é uma doença causada pelo coronavírus enquanto “19” se refere à 2019, ano de surgimento dos primeiros casos. Esta doença é causada pelo novo coronavírus, chamado cientificamente de SARS-CoV-2 (WHO, 2020)

necessidade da formação continuada que, segundo Wengzynski e Soares (2012), está relacionada ao desenvolvimento da escola, do ensino, do currículo e da ampliação profissional, além de proporcionar um novo sentido à prática pedagógica. Junges, Ketzer e Oliveira (2018) acrescentam ainda, nesse sentido, um significado prático e transformador.

Para os autores mencionados, as participações em atividades de formação continuada possibilitam mudanças de paradigmas, ações reflexivas da própria prática e do contexto escolar. Wengzynski e Soares complementa:

A formação continuada neste sentido é encarada como um meio de articular antigos e novos conhecimentos nas práticas dos professores, a luz da teoria, gerando de certa forma, mudanças e transformações, considerando os aspectos da formação em que se baseiam tais práticas, uma vez que estas são fundamentadas em construções individuais e coletivas que ocorrem durante o tempo e nas suas relações (WENGZYNSKI; SOARES, 2012, p.4).

As atividades do GRUPEG se transformaram, como enfatiza Pacheco (2015), em importantes espaços de socialização das experiências pedagógicas, problematização e reflexão das práticas e dos saberes docentes construídos por cada professor em suas diferentes realidades. Para Straforini: “entre o formar e o cidadão crítico, tem o processo de formação. E nesse lugar que eu estou hoje como professor, trabalhando com o ensino de Geografia, formando professores, formando pesquisadores, a minha preocupação é o processo de formação. O que a gente está fazendo aqui nesse meio?” (Informação verbal, agosto de 2021)³

Para Straforini (2021), o sujeito crítico-reflexivo só é atingido quando o conhecimento produzido é utilizado em suas práticas cotidianas, pois segundo o autor, “a forma como a gente existe, como a gente se coloca no mundo, o modo de se relacionar com as pessoas na fila, no ambiente de trabalho, a forma como a gente se manifesta no descarte do nosso lixo são práticas espaciais” (Informação verbal, agosto de 2021), que ao depender do conhecimento construído, podem ter uma “significação discursiva de um mundo que a gente quer transformar ou de um mundo que a gente quer que permaneça como está: desigual e combinado” (Informação verbal, agosto de 2021).

Caminhos metodológicos do Projeto Diálogo com o autor

O projeto Diálogo com o Autor teve como objetivo promover a discussão, dos variados temas do Ensino de Geografia, entre o autor, leitores e intérpretes dos textos

³ Transcrição da narrativa realizada em 19 agosto de 2021 (Projeto Diálogo com o autor/GRUPEG-UESB-CNPq).

indicados. As reuniões eram quinzenais ou mensais, dependendo da disponibilidade de cada autor.

A metodologia dos trabalhos seguiu os seguintes passos: a) **Contato com o autor e seleção dos textos** – nesse momento eram realizados os primeiros contatos com os autores, acontecia a explicação do projeto em linhas gerais e, após o aceite, era solicitado um texto de sua autoria para que fosse repassado aos membros e convidados; b) **Envio do texto, divulgação e incentivo à leitura** – O texto selecionado pelo autor era encaminhado aos membros e convidados, e a leitura era condição para participação no Projeto. A divulgação era realizada por meio de *cards* nos grupos de *WhatsApp* e nas redes sociais, incluindo o *Instagram* do GRUPEG; c) **Apresentação da metodologia dos trabalhos durante a reunião** - Após a entrada do autor na sala, o coordenador dos trabalhos iniciava com as boas-vindas (geralmente se fazia uma homenagem ao professor autor relacionada com a temática proposta para a discussão), em seguida, apresentava-se a metodologia que compunha de: apresentação do autor, explanação do tema (entre 20 a 30 min) e as intervenções dos leitores que retiravam dúvidas, acrescentavam uma vivência ou até mesmo sugeriam alterações e acréscimos ao próprio texto (e era materializado o diálogo com o autor), ao final, eram realizadas as considerações pelo autor e os agradecimentos da coordenação. As reuniões eram gravadas e postadas como material na turma do *Classroom*, criada pelo GRUPEG; d) **Avaliação dos pesquisadores e membros** – A cada encontro, os pesquisadores avaliavam a participação dos membros, o alcance das participações (que ultrapassou 80 pessoas em algumas das reuniões) e revisava o planejamento para o próximo Diálogo.

Os temas abordados e os textos escolhidos tinham relação direta com as pesquisas dos professores autores: Pesquisa e Ensino de Geografia foi abordado pelos professores autores Sônia de Souza Mendonça Menezes, da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Vicente de Paulo e Silva, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Ensino de Geografia por conceitos e a atuação cidadã, pelo professor autor Vanilton Camilo de Souza, da Universidade Federal de Goiás (UFG); Ensinar Geografia como prática espacial de significação discursiva, pelo professor autor Rafael Straforini, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); A EJA e as relações de poder, com a professora autora Carla Liane, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); A cidade como conceito e conteúdo, com a professora autora Helena Copetti Callai, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí); Pensamento Pedagógico-Geográfico e o Ensino de Geografia, com a professora autora Carina Copatti, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e a professora

autora Lana Cavalcanti, da Universidade Federal de Goiás (UFG), que trabalhou o tema: A Geografia Escolar e sua relevância social.

Os artigos selecionados pelos professores...

O artigo selecionado pela autora Lana Cavalcanti apresenta argumentos teóricos para demonstrar a relevância social da Geografia Escolar. O texto se desenvolve em três momentos: o primeiro ressalta o pensamento geográfico nas perspectivas de alguns autores como: Paulo César Gomes, Élvio Rodrigues Martins, entre outros. Cavalcanti (2021) ressalta que o pensamento geográfico é uma capacidade de realizar a análise de fatos e fenômenos da realidade e a Geografia Escolar contribui para o seu desenvolvimento. No segundo momento são apresentadas as bases teórico-metodológicas que orientam a atuação docente. O terceiro momento traz uma proposta metodológica que pode tornar viável ao aluno pensar geograficamente, por meio da mediação didática, através da problematização, sistematização e síntese (CAVALCANTI, 2021).

O artigo é atual no que se refere ao contexto pandêmico, e a professora autora elenca várias questões: a escola tem relevância nesse momento? Qual o sentido da escola? Como a sociedade educa crianças e jovens? O sentido da educação é mercado de trabalho ou humanização? Como a Geografia se insere nesse contexto? Qual sua importância para a sociedade?

O artigo selecionado pela professora autora Carina Copatti (2020) apresenta a importância da formação acadêmica, inicial e continuada, dos professores em seu percurso laboral. Com o aporte teórico de Ruy Moreira, Mário Osório Marques, Carlos Marcelo Garcia, Helena Copetti Callai, Lana de Souza Cavalcanti e Wellington Alves Aragão, a autora discutiu sobre o pensamento geográfico, raciocínio geográfico e a educação geográfica, temas importantes para a formação dos professores de Geografia.

No primeiro momento discorreu sobre o pensamento espacial e o geográfico no processo de ensinar Geografia que, segundo Copatti (2020), se estrutura na formação docente. No segundo momento, a autora teorizou sobre o pensamento geográfico de professor e a construção de um pensamento pedagógico-geográfico e discorreu sobre a Geografia como componente curricular escolar, a importância do professor problematizador e a necessidade da formação inicial e continuada. E por fim, apresentou a relação entre o pensamento pedagógico-geográfico e o raciocínio geográfico no ensino escolar da Geografia.

O artigo escolhido trouxe contribuições importantes para construção dos saberes, como a teorização sobre pensamento geográfico e espacial, a análise da realidade e das representações espaciais, o raciocínio geográfico, além de perceber e apresentar a necessidade, para compreensão desta ciência, da linguagem e do método.

O artigo selecionado pelo autor Rafael Straforini (2018) tem por objetivo retomar o debate em torno da importância do ensino de Geografia como disciplina escolar na Educação Básica brasileira, além de discutir a necessidade de pensar o Ensino de Geografia no contexto atual da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, sobretudo, refletir sobre a Lei 13.415/2017, que instituiu as escolas em tempo integral e o Novo Ensino Médio. O autor defende o importante papel da Geografia na formação do cidadão crítico reflexivo ao possibilitar a “[...] compreensão da espacialidade dos fenômenos, de modo que possam operar os conhecimentos geográficos em sua vida cotidiana e produzir práticas espaciais insurgentes” (STRAFORINI, 2018, p.1).

O diálogo com os autores...

Os professores apresentaram de forma didática alguns tópicos para motivar o diálogo com o Grupo de Pesquisa. Para esse artigo, foram selecionados alguns trechos significativos das falas e as referências utilizadas para embasar teoricamente o diálogo foram os próprios textos sugeridos pelos professores autores.

Educação (Geográfica) como fenômeno de humanização e emancipação

O professor autor Rafael Straforini ressalta que, os anos de 1970 e 1980 serviram para fundamentar a Geografia pós ditadura militar e o movimento da Geografia Crítica. As discussões passaram a permear caminhos capazes de possibilitar uma leitura reflexiva e cidadã do mundo contemporâneo, e contribuíram para a formação de um sujeito crítico e transformador da sociedade em que vive. O autor rememora esse questionamento: “Qual é o papel e a importância da Geografia como componente curricular escolar?” (Informação verbal, agosto de 2021).

Segundo Copatti (2020, p.3), ser professor de Geografia, “[...] envolve um conjunto complexo de conhecimentos que dão suporte ao profissional para tecer problematizações, propor reflexões, construir argumentos e desenvolver em sala de aula possibilidades para a Educação Geográfica”. A autora ressalta a importância da formação do professor de Geografia, a fim de desenvolver, no aluno, a capacidade de pensar geograficamente.

A professora Lana Cavalcanti (2020) afirma que, para além de ensinar Geografia, ou outra disciplina, está o ensinar o modo de pensar, a fim de alcançar a compreensão da realidade em que se vive, por meio dos conteúdos produzidos pela ciência de referência daquela disciplina. E ainda: “[...] esse modo geográfico de pensar é um modo peculiar, é um modo da ciência, é um ângulo. Nós temos um campo angular de análise, como diz o Antônio Robert de Moraes ou uma perspectiva de leitura, enfim.” (Informação verbal, setembro de 2021).⁴ No caso específico da Geografia “que tipo de conhecimento a Geografia produz? Qual a sua contribuição mais peculiar? Pode-se repetir aqui uma pergunta muito recorrente: afinal, para que serve a Geografia?” (CAVALCANTI, 2020, p.54).

A autora vai em busca de alguns teóricos para, didaticamente, nos auxiliar a pensar nessas questões e promover reflexões sobre o pensamento geográfico como meta para o Ensino de Geografia na Educação Básica e sintetiza, por meio de um sistema conceitual, a concepção de pensamento geográfico. No Diálogo, a autora verbaliza: “Esse conhecimento e essa capacidade de ver o mundo pela perspectiva da Geografia é que eu estou chamando de pensamento geográfico, que se estrutura a partir dessas perguntas” (Informação verbal, setembro de 2021).

As perguntas que Cavalcanti se refere são: Onde? Por que aí? Como é esse local? E, segundo a autora, para se construir respostas, faz-se necessário considerar as dimensões absoluta, relativa e relacional, além de acionar conceitos como lugar, paisagem, região, território e natureza, mas também forma, função, estrutura e processo; práticas espaciais e diferenciação espacial que são relacionados pelo raciocínio geográfico e seus princípios de localização, distribuição, extensão e escalas, e as operações gerais do pensamento: observação, descrição, imaginação e memorização (CAVALCANTI, 2020).

A professora autora Lana Cavalcanti relata que todo esse entrelaçar de perguntas e tentativas de respostas vai compondo um método de análise, que em seu entendimento, “[...] é o caminho, partindo das concepções que são prévias, mas que vão resultar em novas concepções específicas daquele objeto, operando com o raciocínio, com a linguagem pra chegar a uma análise síntese geográfica” (Informação verbal, setembro de 2021). E ainda:

[...] isso pra mim é um exercício pra eu pensar o que é o pensamento geográfico, mas ele é absolutamente aberto a qualquer formulação, porque cada um pode e deve fazer algo que tenha sentido pra si sobre isso que estou colocando, mesmo não concordando comigo, mas a forma como isso vai

⁴ Transcrição da narrativa realizada em 30 de setembro de 2021 (Projeto Diálogo com o autor/GRUPEG-UESB- CNPq).

fazer sentido pra si, pode se aproximar, mas não necessariamente vai ser a mesma. É sempre uma construção (Informação verbal, setembro de 2021).

Copatti (2020) ressalta que a constituição do pensamento geográfico acontece por meio de um modo de pensamento espacial, enfatizado pela análise da realidade e do raciocínio geográfico, articulados com o desenvolvimento teórico e a interpretação do espaço. E ainda: [...] o pensamento geográfico abrange a sistematização de noções e conhecimentos que permitem interpretar o espaço e compreender relações nele construídas, para além da habilidade de se orientar e raciocinar sobre ele (COPATTI, 2020, p. 7).

O professor Straforini (2021) também enfatiza a importância do raciocínio geográfico como um modo de pensar a respeito de algo, e aponta a necessidade de buscar as ferramentas intelectuais, próprias dessa ciência, para construir o pensamento espacial ou geoespacial, nas variadas situações da vida, pois:

[...] as dinâmicas espaciais se estabelecem nas experiências mais banais, como o ato de faxinar a casa, bem como, através de atividades complexas como a transposição do rio São Francisco, de maneira que o conhecimento geográfico nos ajude a compreender as relações estabelecidas entre as coisas no espaço, com base em reflexões e os questionamentos do onde, como, porque, quando [...] (Informação verbal, agosto de 2021).

Straforini (2021) faz um destaque à BNCC. Segundo ele, a Base no Ensino Fundamental traz: “[...] um debate que nós não tínhamos ainda na Geografia Escolar, pelo menos não era feito com força, que é, sobretudo, o raciocínio geográfico [...] a partir do pensamento espacial” (Informação verbal, agosto de 2021). E complementa:

[...] a gente tem a BNCC que trata de uma forma específica de pensar [...] essa forma específica [...] produz o raciocínio geográfico, que é aquilo que a gente ensina na escola, ensina a pensar a sociedade, [...] a partir de um campo de conhecimento e cria uma forma de ver o mundo com base nesse campo de conhecimento que é o pensamento geográfico. Na minha perspectiva, isso tem uma valorização [...] da Geografia enquanto conhecimento (Informação verbal, agosto de 2021).

A professora autora Copatti, no diálogo com o GRUPEG salienta que “[...] o pensamento geográfico vai se constituindo nesta relação com o espaço [...] pelas experiências, pelas vivências, no espaço ocupado, no espaço habitado, no espaço vivido e nas interações que a gente faz nesse espaço” (Informação verbal, novembro de 2021)⁵.

A professora autora Lana Cavalcanti enfatiza que tudo isso “tem a ver com um método de concepção de conhecimento, de como as pessoas conhecem, como elas chegam a conhecer algo, a possibilidade, que é numa concepção dialética, uma relação sujeito-objeto”

⁵ Transcrição da narrativa realizada em 04 de novembro de 2021 (Projeto Diálogo com o autor/GRUPEG-UESB- CNPq).

(Informação verbal, setembro de 2021) e ressalta a importância do conhecimento na compreensão de mundo, visto que a Geografia pode fazer a diferença para que o aluno não fique indiferente ao mundo, apesar de que “ele não vai se direcionar diretamente com o mundo, porque o mundo é cheio de símbolos, desde que ele nasce, lida com o mundo socialmente construído[...]” (Informação verbal, setembro de 2021).

Ao argumentar a relevância social da Geografia, Cavalcanti (2020) considera as relações entre o desenvolvimento mental geral e o processo de aprendizagem que ocorre entre crianças e jovens, amparada teoricamente por Vygotsky, questiona: “E como é que uma criança começa se inserir no mundo? Compreendendo os símbolos. Entendendo o contexto que vive, o que significa cada coisa que ela tem que lidar. Aí o meio vai fazendo essa diferença” (Informação verbal, setembro de 2021). E mais:

[...] vai depender muito da forma como o pai, mãe, a família, enfim, as pessoas em volta dela vão dizendo pra que serve, o que é, qual o limite que ela tem, qual a possibilidade que ela tem, como ela é como sujeito, a própria identidade e a possibilidade de lidar com o mundo, essa mediação que existe entre o sujeito e o mundo já é parte do processo de conhecimento (Informação verbal, setembro de 2021).

A professora autora ressalta que, na escola, lidamos com uma “segunda dimensão, segunda linha de ações, porque não é qualquer mediação, é aquela que nós queremos, não estou falando autoritariamente, mas que nós atribuímos sentido, socialmente, nós definimos que Geografia nós devemos ensinar” (Informação verbal, setembro de 2021). Cavalcanti (2020) afirma:

A aprendizagem é um processo que ocorre ao longo da vida de um sujeito, da fase pré-escolar até a pós escolar. No entanto, na escola ele acontece de um modo novo, sistemático, consciente e intencional, podendo interferir significativamente no processo de desenvolvimento desse sujeito (CAVALCANTI, 2020, p. 59).

Na escola, além de ter a capacidade de pensar, precisamos nos debruçar sobre o pensamento, suas formulações teóricas, metas cognitivas, conhecimento. “Não é em todos os momentos, nem todas as condições, mas ela dá essas oportunidades [...]”. A autora reflete:

Também tenho trabalhado com isso na nossa universidade, no grupo de pesquisa, laboratório, nós estamos tentando trabalhar e materializar isso em caminhos, mesmo na escola. Em caminhos didáticos, pra não ficar apenas na abstração e alimentar a teoria, ficar nesse ir e vir entre teoria e prática que eu entendo que é o caminho mais correto, não tem um modelo para ser aplicado, a gente tem tentativas, caminhos propostos e ver se funciona (Informação verbal, setembro de 2021).

Segundo Cavalcanti, faz-se necessário abordar, de forma explícita a relevância da Geografia na escola para todos, não só para nós geógrafos, mas para os cidadãos de modo

geral: “Quanto mais conseguimos explicitar, melhor o aluno vai compreender porque que ele aprende a Geografia e o que a Geografia pode fazer na vida dele. Não vejo sentido em trabalhar uma disciplina por formalidade, só porque ela está no currículo” (Informação verbal, setembro de 2021). Nesse processo, a linguagem, de acordo com Cavalcanti (2020), tem um papel peculiar:

Ela tem, assim, duas dimensões que são importantes, uma que é a expressiva e social, ou seja, sua dimensão de comunicação, e a outra que está ligada ao pensamento: é intencional, especificamente relacionada à linguagem humana, que tem a ver com o ato de pensar, com a consciência de seu significado simbólico, com o emprego funcional do signo (CAVALCANTI, 2020, p. 61).

Copatti (2021) reflete: “[...] comecei a perceber que só a Geografia em si não dava conta porque às vezes a gente foca muito nos conteúdos que tem que trabalhar em sala de aula, em vencer conteúdos, [...] muitas vezes, a gente não consegue avançar no processo de Educação Geográfica” (Informação verbal, novembro de 2021).

A relação do sujeito com a linguagem na escola, conforme os relatos de Cavalcanti (2021), são os conceitos que se tornam relevantes, pois:

[...] são constitutivos do pensamento, compõem as funções mentais superiores próprias dos seres humanos (atenção dirigida, memória lógica, imaginação e percepção voluntária, conceitos). Eles, com efeito, ajudam na compreensão do mundo, dos fenômenos, por seu caráter abstrato e teórico, por possibilitar a generalização de experiências (CAVALCANTI, 2020, p. 65).

E, amparada no raciocínio de Vygotsky, a autora ressalta que os conceitos são instrumentos simbólicos que tem a particularidade de mudar o mundo e o sujeito:

Ao se apropriar de um conceito [...] eu mudo a mim mesmo, porque eu sou uma pessoa diferente se eu tenho a capacidade de olhar as formas das coisas e buscar a articulação com o conteúdo, entender como elas revelam o conteúdo ou quais os conteúdos elas revelam. Assim, eu sou uma pessoa diferente, eu sou uma pessoa mais reflexiva (Informação verbal, setembro de 2021).

O aluno vive e aprende as coisas na vida, relaciona conceitos, estabelece uma linguagem, interpreta, raciocina (mediação cognitiva), mas, na escola, pode-se intervir “nesse processo de relacionamento do sujeito com o objeto, de uma forma orientada, sistematizada por nós, pela Geografia, que temos começo, meio e fim” (mediação didática) (Informação verbal, setembro de 2021, grifo nosso).

A problematização da Geografia Escolar

A Geografia Escolar precisa ser trabalhada nas escolas proporcionando aos estudantes a percepção do sentido do mundo (Onde? Por que aí? Como é esse local?), pois ele é o sujeito ativo da aprendizagem. Segundo Cavalcanti (2021): o aluno “tem que sentir que a Geografia o ajuda a lidar com o mundo, que ela tem um conhecimento relevante, que o trabalho docente vai, de fato, resultar em aprendizagens transformadoras, que transformam o modo de pensar dele, e como ele lida com o mundo” (Informação verbal, setembro de 2021).

A professora autora Lana Cavalcanti, nesse momento do diálogo, lembra da personagem Mafalda⁶: “Eu gosto muito da Mafalda, ela é muito perspicaz e [...] como ela se relaciona com o mundo, qualquer coisa pode, o que não pode é o aluno ficar indiferente e ficar olhando pra si mesmo, preocupado com sua vidinha individual” (Informação verbal, setembro de 2021). E a autora ainda acrescenta que vivemos num planeta com muitos apelos e recheados de demandas imediatas e individuais, portanto, faz-se necessário encaminhar nossos jovens e crianças para uma discussão que possa sensibilizá-los a sentir-se parte integrante desse mundo. “Eu acho que a gente tem esse papel, de não deixar o aluno indiferente ao mundo, que é o mundo nosso, que a humanidade construiu, que não é o mundo natural, mas do homem se relacionando com a natureza, eu penso assim.” (Informação verbal, setembro de 2021).

Copatti (2021) destaca que para se garantir uma educação geográfica:

[...] a gente precisa ter uma construção de **pensamento de professor** com esta dimensão da Geografia, mas também de um outro conjunto de saberes e desta **dimensão pedagógica** que vai fazer com que a gente consiga, inclusive, planejar uma aula, pensar como vai ser esta organização para que a gente signifique isso para o nosso aluno. Para que ele encontre sentido nesse processo e relacione com aquilo que ele já sabe nas suas vivências (Informação verbal, novembro de 2021, grifo nosso).

Segundo a autora (2020), pensar em formas de efetivar a Educação Geográfica envolve uma gama de conhecimentos que contribuam ao empoderamento do professor; efetivada por meio da “[...] relação entre a dimensão teórico-científica, histórico-social, política, cultural e subjetiva, que, na relação com o espaço e com os sujeitos, comporta significações ao professor e à forma como organiza e constitui seu pensamento” (COPATTI, 2020, p. 10).

⁶ As histórias em quadrinhos de Mafalda, criadas pelo desenhista argentino Quino foram um instrumento de crítica contra a ditadura que regia seu País e enquanto a pós-modernidade eclodia, o regime moderno militar era criticado por essa produção imagística e assim, utilizando-se de personagens mirins (RAHDE e PASE, 2005, p.1).

Porém, mesmo diante desse contexto, o professor autor Rafael Straforini afirma que a realidade atual muito o incomoda, pois a proposta do Novo Ensino Médio, além de considerar apenas a Matemática e o Português como componentes obrigatórios, traz outro elemento demarcador chamado de percursos formativos, que orientam aos alunos a escolherem a trajetória para a sua formação, de maneira que coloca a Geografia (foco desse artigo) em um segundo plano, numa situação de desvalorização.

Como ensinar a Geografia na escola?

No ensino escolar de Geografia, segundo Copatti (2020), uma das necessidades é desenvolver nos estudantes um modo de pensamento espacial para que consigam estabelecer relações com o espaço habitado: “[...] considera-se a importância de compreender o espaço ausente e as interações possíveis entre distintas dimensões espaciais e que, pela interação sociedade natureza, apresentam distintas dinâmicas” (COPATTI, 2020 p. 15).

De acordo com a professora autora Lana Cavalcanti “[...] não é simplesmente ensinar Geografia, mas é ensinar, com a Geografia, um modo de pensar” (Informação verbal, setembro de 2021). Explicar os conteúdos, com o objetivo de que o aluno entenda o mundo e a sua relação com as coisas. O processo inicia-se, portanto, com a **problematização**, visando o envolvimento real dos alunos com os objetos de estudo (CAVALCANTI, 2020, p. 69). E ressalta:

Então! Eu diria assim: “Comece com as perguntas, que são as perguntas próprias nossas, nós perguntamos coisas pra o objeto, como sujeito. Então, na produção do conhecimento da Geografia, [...] temos um objeto não empírico, mas um objeto abstrato e formulado teoricamente, que é a espacialidade do fenômeno, do fato, do acontecimento (Informação verbal, setembro de 2021).

A problematização envolve, mobiliza o aluno e torna a aprendizagem mais significativa para ele. O professor deve considerar que, na escola, não se resolve questões práticas. É preciso problematizar estabelecendo uma relação com a prática, “mas a nossa contribuição é pensar teoricamente sobre o problema” (Informação verbal, setembro de 2021). A professora Copatti complementa: “[...] reconhecer, problematizar o mundo e levar em conta o que o aluno sabe pensa e imagina [...] (Informação verbal, novembro de 2021).

Em seguida, acontece a **sistematização**, fundamental para que a informação veiculada na escola ou fora dela não seja vivida de maneira fragmentada (CAVALCANTI, 2020). A autora ressalta que, pela mediação “[...] o professor poderá colocar em movimento a capacidade cognitiva para níveis mais complexos do pensamento lógico e consciente. Os

instrumentos psicológicos, verbais, não verbais, simbólicos, são “acionados”, e resultam em aprendizagens” (CAVALCANTI, 2020, p.69-70).

A professora autora Copatti reafirma a importância da mediação, pois, segundo ela, se faz necessário avançar na construção de conceitos, desde o conceito espontâneo para o sistematizado e ainda: [...] nós precisamos articular a dimensão espacial e geográfica para construir esta mobilização de conhecimentos (Informação verbal, novembro de 2021).

Com a mediação, o professor pode proporcionar níveis ainda mais complexos de raciocínio, e os conteúdos, segundo Cavalcanti (2020), são ressignificados, ou seja:

Ressignificar o conteúdo é negar seu caráter formal, sua dimensão de produto, como se fosse apenas um dado a ser conhecido e assimilado, e abordá-lo destacando seus processos, a construção dos conhecimentos ali incluídos, suas relações com a vida de cada um (CAVALCANTI, 2020, p.70).

E assim ocorre a **síntese** em que é dado ao aluno a oportunidade de exercitar, por meio de sínteses, o que foi estudado. Assim, Cavalcanti (2020, p. 73) ressalta que é possível “reafirmar a relevância social da Geografia escolar na medida em que se demonstra suas possibilidades de contribuir significativamente para compreender a realidade, em sua totalidade e em sua dinâmica natural e social”

A Geografia é importante para a vida de cada um, e nós como professores, não devemos deixar os nossos alunos sem a participação ativa e efetiva, no mundo que o cerca. Segundo Copatti se faz necessário [...] pensar a partir de uma percepção espacial, de um pensamento espacial, mas ir além dele, ou articular outros elementos para construir um modo de pensar geográfico (Informação verbal, novembro de 2021).

E por fim...

Cabe registrar as palavras finais dos professores no projeto Diálogo com o autor. Para Lana Cavalcanti, todas as nossas ações docentes devem ter intencionalidade. Devemos enxergar o aluno, não só como aprendiz, mas como pessoa e acolhê-lo para garantir um ambiente de aprendizagem. A autora ainda nos questiona: “Como nós podemos atuar para garantir um melhor aprendizado? Como podemos ver isso no aluno? Que tipo de resultado alcançamos?” (Informação verbal, setembro de 2021).

Para a professora Carina Copatti, os professores precisam de conhecimento, articulação entre conhecimento teórico e prático, para poder articular as ideias, argumentar, a fim de fazer “sentido para o aluno entender a realidade dele e que seja adequada com seu

nível cognitivo. Por isso a dimensão pedagógica é tão importante” (Informação verbal, novembro de 2021).

A Geografia precisa dar mais visibilidade à aprendizagem. E referindo-se ao Projeto e ao GRUPEG, a professora Lana Cavalcanti ressalta que o caminho é esse: de trabalho coletivo, cooperativo e com legitimidade para trocar ideias. “É assim que a gente pratica autonomia. Precisamos favorecer a autonomia do outro (aluno)” (Informação verbal, setembro de 2021, grifo nosso). E para (não) concluir, a professora Lana Cavalcanti (2021) afirma que a nossa ambição deveria ser só essa: “ajudar os nossos alunos a se tornarem pessoas autônomas, pensantes e que seguissem a vida independente de nós” (Informação verbal, setembro de 2021).

Se o mundo ficar pesado, vou pedir emprestado a visão da Geografia...

Referências

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia Escolar e sua relevância social: aportes teórico-metodológicos para uma proposta de atuação docente. In: SILVA María Raquel Pulgarín (Org) *Conversaciones sobre la dimensión formativa de la geografía y la educación geográfica*. Bogotá: Sociedad Geográfica de Colombia, 2021. p.49-74.

COPATTI, Carina. Pensamento pedagógico-geográfico e o ensino de geografia. *Revista Signos Geográficos*, Goiânia, v. 2, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/signos/article/view/65204>. Acesso em: 28 mar. 2022.

JUNGES, Fábio César; KETZER, Charles Martin; OLIVEIRA, Vânia Maria Abreu de. Formação continuada de professores: saberes ressignificados e práticas docentes transformadas. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 3, n. 9, p. 88-101, set./dez. 2018. Disponível em: <http://seer.uece.br/redufor>. Acesso em: 28 mar. 2022.

PACHECO, Clecia Simone Gonçalves Rosa. Professor de Geografia e formação continuada: dicotomias entre teoria/prática. *REVASF*, Petrolina, v. 5, n. 7, p. 73-83, mar. 2015. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/122>. Acesso em 28 mar. 2022.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado; PASE, André Fagundes. O imaginário em Mafalda numa prospecção pós-moderna. XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. *Anais Eletrônicos do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação/UERJ, 5 a 9 de setembro de 2005, p.1-10. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/31044386985175087560416981179243534964.pdf>. Acesso em: 21 fev.2022.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 32, n. 93, p.175-195, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/kRrXfwBFZLLDtKqNRmgRHpH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 28 mar.2022.

WENGZYNSKI Danielle Cristiane, SOARES Suzana Tozetto. A formação continuada face as suas contribuições para a docência. *In: IX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, Caxias do Sul, 2012. *Anais Eletrônicos do IX ANPED Sul - Seminário de pesquisa da Região Sul*, Caxias do Sul, 2012. Disponível em

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/2107>. Acesso em 28 mar.2022.

WHO. *Novel Coronavirus 2019*. World Health Organization, 2020. Disponível em:

[https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-\(covid-2019\)-and-the-virus-that-causes-it](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-(covid-2019)-and-the-virus-that-causes-it). Acesso em: 20 fev.2022.

Andrecks Viana Oliveira Sampaio

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (2013). Realizou estágio pós doutoral em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (2019). Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (2006), Especialista em Geografia e Desenvolvimento Local pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2002) e Graduação no Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1996). Professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Professora do Programa de Pós Graduação em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa do Ensino de Geografia (GRUPEG/CNPq/UESB).

Endereço profissional: Estrada do Bem Querer, Km 4, Bairro Universitário. Vitória da Conquista – Bahia.

E-mail: andrecks.viana@uesb.edu.br

Luciana Amorim de Oliveira

Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Especialista em Geografia Análise do Espaço Geográfico (UESB), Especialista em Geografia: Teoria e Prática em Sala de Aula (UESB), Professora (substituta) no Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG/CNPq/UESB). Membro do Núcleo de Análise em Memória Social e Espaço (NUAMSE/CNPq/UESB): Membro do Grupo de Pesquisa do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (GeoPesquisar/ CNPq/UESB).

Endereço profissional: Estrada do Bem Querer, Km 4, Bairro Universitário. Vitória da Conquista – Bahia.

E-mail: luciana.oliveira@uesb.edu.br

Vilomar Sandes Sampaio

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Realizou estágio pós doutoral em Geografia na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Espaço e territorialidade: o Espaço Baiano e Graduação em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1995). Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia do Curso de Geografia e docente do Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGEO/UESB). Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Educação em Geografia (GRUPEG/CNPq/UESB) e no Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET/CNPq/UESB).

Endereço profissional: Estrada do Bem Querer, Km 4, Bairro Universitário. Vitória da Conquista – Bahia.

E-mail: vilomar@uesb.edu.br

Adriana de Mello Amorim Novais Silva

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação da UESB (PPGED), graduada em Licenciatura em Geografia, com especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Atualmente é professora efetiva do Estado da Bahia. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa no Ensino de Pesquisa no Ensino da Geografia (GRUPEG/CNPq/UESB), desde 2018. Tem experiência na área de Geografia, e Educação com ênfase nos seguintes temas: ensino de geografia, Educação de Jovens e Adultos e estratégias de ensino.

Endereço profissional: Rua Padre José de Anchieta - s/n, Alto Maron. Vitória da Conquista – Bahia.

E-mail: dica_novais@hotmail.com

Recebido para publicação em 24 de fevereiro de 2022.

Aprovado para publicação em 20 de junho de 2022.

Publicado em 27 de junho de 2022.